

# Projeção de imagens e ação política na cidade do Rio de Janeiro: contribuições do estudo de situações sociais para a análise de apropriações tecnológicas <sup>[1]</sup>

Image projection and political action in Rio de Janeiro: study of social situations' contribution to the technological appropriation analysis

**João Guilherme Bastos dos Santos**

Jornalista e mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC/UERJ))

**Fernanda Freire**

Jornalista e mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC/UERJ)

## Resumo

Este trabalho aborda a apropriação de tecnologias de projeção de imagens para ação política, particularmente a interação entre projeções e fotografias em ações políticas na cidade do Rio de Janeiro, tomando como base o estudo de situações de interação pela perspectiva dramatúrgica proposta por Erving Goffman e verificando algumas possibilidades teóricas desta proposição a partir de imagens do coletivo Projetação projetadas no Palácio da Guanabara durante as manifestações ocorridas na segunda metade de 2013 e de imagens projetadas no Cristo Redentor em apoio à Caminhada pelo Clima, organizada pela Avaaz, em setembro de 2014.

**Palavras-chave:** tecnologia; projeções; ação política; coletivo Projetação; análise dramatúrgica.

## Abstract

*This paper proposes an understanding of technological appropriation from the standpoint of the situations studies of the dramaturgical perspective proposed by Erving Goffman, particularly the interaction between image projections and photographs in political actions in the city of Rio de Janeiro, checking some possibilities of this proposition in the images produced during the demonstrations that occurred in the second half of 2013 by the Coletivo Projetação and projections made by the People Climate March on the statue of Cristo Redentor in September 2014.*

**Keywords:** technology; images; political action; coletivo Projetação ; dramaturgical analysis.

Diferentes antropólogos, sociólogos e psiquiatras interessados na comunicação buscam, a partir da década de 1960, abordagens que deem conta daquilo que vai além dos indivíduos envolvidos no ato comunicativo quando tomados isoladamente. Esses pesquisadores apontavam o foco no ato individual de comunicação como um equivalente ao estado pré-copernicano de algumas perspectivas sobre o tema, por colocar o homem e suas intenções conscientes no centro de tudo o que ocorre no universo da comunicação (WINKIN, 1998). O conceito de comunicação proposto excede o limite da linearidade e é compreendido aqui a partir da complexidade inerente às interações, relações e vínculos estabelecidos entre os atores sociais. Por seu caráter inovador, este entendimento foi apontado como marco de uma *nova comunicação*, e entre os pesquisadores fundamentais para a pesquisa em comunicação estão George Mead, Gregory Bateson, Paul Watzlawick, Erving Goffman. O termo nova era empregado em oposição ao que seria a *velha comunicação*:

A “velha comunicação” é a comunicação considerada como transmissão intencional de mensagens entre um emissor e um receptor. Como se se tratasse de um sistema telegráfico ou de um jogo de pingue-pongue. Essa visão mecanicista dominou o ensino e a pesquisa nas ciências da comunicação desde o início da institucionalização delas, nos Estados Unidos, na década de 1940, e no resto do mundo depois (WINKIN, 1998, p. 14).

122

Um ponto comum no entendimento desses diferentes pesquisadores é que o indivíduo não só se comunica individualmente, mas também participa de um amplo e complexo sistema de comunicação social que envolve dimensões involuntárias de seu comportamento (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007). Ou seja, a comunicação deveria ser concebida não como um ato individual, mas como uma instituição social. O ator social participa dela não só com palavras, mas também com silêncios, soluços, gestos, olhares etc. A comunicação se torna, assim, a performance permanente da cultura. (WINKIN, 1998). Para levar seu entendimento para além do foco individual e pensar na ação recíproca, intencional ou não, entre múltiplos atores e culturas dentro da sociedade, esses pesquisadores se apropriam de alguns pressupostos teóricos de outras áreas em desenvolvimento na época, como a teoria geral dos sistemas, de Ludwig von Bertalanffy, e o princípio da entropia e retroação da cibernética, de Norbert Wiener. A metáfora utilizada por Winkin para sintetizar essa proposta consiste em uma orquestra cultural, na qual boa parte do que cada músico toca visa adaptar-se às notas de outros e, desse modo, os atores envolvidos influenciam-se mútua e continuamente (WINKIN, 1998, p. 14).

Deste cenário emerge a chamada perspectiva dramatúrgica, notadamente os estudos desenvolvidos por Erving Goffman e suas associações entre o conceito de outro generalizado, de Mead, e enquadramento, de Bateson. Essa perspectiva observa as contingências que influenciam a definição de regras implícitas para diversas situações sociais em performances cotidianas e – o que nos interessa

muito – sua relação com os fluxos de informação ensejados pela arquitetura e pelas tecnologias que constituem os palcos dessas situações.

Na relação com a circulação de informações, os fatores de exposição física dos locais, como trânsito de terceiros, tamanho de janelas, grossura das paredes, possibilidade de trancar as portas, a disposição das cadeiras em uma sala, entre outros, estimulam ou minam diferentes definições potenciais de quais comportamentos são culturalmente adequados para situação na qual a interação se desdobra. Seguindo o desenvolvimento de Goffman, mais do que os lugares propriamente ditos, esses fatores têm relação direta com a gestão de *barreiras de percepção* de uma situação e das regiões decorrentes destas:

Uma região pode ser definida como qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras de percepção. As regiões variam, evidentemente, no grau em que são limitadas e de acordo com os meios de comunicação em que se realizam as barreiras à percepção. Assim, as placas de vidro espesso, que se encontram nas salas de controle das estações de rádio, podem isolar uma região auditivamente, mas não visualmente, enquanto um escritório cercado por tabiques de fibra de madeira está fechado de maneira inversa (GOFFMAN, 1985, p. 101).

A arquitetura só está em posição privilegiada para influenciar a definição de situações quando seus elementos impactam os fluxos de informação no ambiente, como na construção ou remoção de uma parede e na disposição da mobília, forçando os presentes a manter contato visual, por exemplo. Na presença de uma filmadora ou um microfone, no entanto, a possibilidade de trancar ou não uma porta e a finura da parede deixam de ser fatores determinantes na definição do que é um padrão de interação adequado nesse ambiente. Trata-se da ampliação do auditório apto a observar aquela interação e que, ao fazer isso, está envolvido na definição da situação em que ela ocorre. Logo, não é a configuração do ambiente físico em si que determina a natureza da interação, mas os fluxos de informação que ele ensaja; portanto, o estudo das situações de interação ganha ao trocar o foco na presença física pelo foco nas redes e nos sistemas de circulação da informação que tomam forma no ambiente da interação em questão (MEYROWITZ, 1986, p. 41).

Isso não pressupõe que ambientes com fluxos de informação similares tenham situações iguais, na medida em que não se pode entendê-las como um simples resultado da conjugação ou soma das identidades dos presentes, nem tampouco como resultado da estrutura e da configuração tecnológica à qual aquele ambiente está sujeito. Seguindo a perspectiva da interação humana como sistema:

Um sistema não pode ser considerado a soma de suas partes; com efeito, a análise formal de segmentos artificialmente isolados destruiria o próprio objeto de interesse. [...] O exemplo mais óbvio é fornecido pela química, onde um número relativamente escasso de elementos conhecidos produz uma variedade imensa de novas e complexas substâncias (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007, p. 113).

Podemos pensar no exemplo de (a) aulas em locais diferentes, mas com as mesmas pessoas, serem permeadas por situações completamente diversas, assim como (b) aulas com outras pessoas, mas em uma mesma sala e em dias diferentes, e (c) nos casos em que os mesmos alunos, na mesma sala de aula e com acesso às mesmas tecnologias passam por situações de interação extremamente discrepantes. Em suma, o mais notável na comunicação não estaria apenas no indivíduo ou na estrutura onde ele se insere, mas em desdobramentos complexos e nem sempre intencionais da ação recíproca entre diversos atores envolvidos nas situações, algo maior do que a simples soma destes.

Na sala de aula citada anteriormente, os participantes, em conjunto, contribuem para negociar e calibrar informalmente, através de inferências e impressões recíprocas, uma definição da situação “que implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, um acordo real sobre as pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas” (GOFFMAN, 1985, p. 18). A projeção das definições das situações de experiência social não se organizaria apenas segundo uma ordem de identidades e posições, mas também segundo um repertório de relações, restrições e negociações, que teria um vocabulário próprio (JOSEPH, 2000).

Dessa forma, a reputação não estaria no interior ou na superfície dos indivíduos, mas difusa no curso de suas relações. O fato de boa parte do comportamento dos indivíduos que participam da projeção das situações não ser intencional ou fazer parte de códigos verbais instituídos formalmente gera uma problemática que tornou propício o desenvolvimento de estudos de comunicação voltados para o tema da performance de papéis sociais, visando à manutenção de reputações e identidades aceitas socialmente.

Para Goffman, haveria uma assimetria fundamental no desenvolvimento da expressividade dos indivíduos: embora estes tenham consciência daquilo que buscam expressar, os observadores têm consciência deste primeiro fluxo de comunicação e de outro, composto por uma série sintomática de movimentos e entonações, sutis e involuntárias, nem sempre em acordo com o que é dito voluntariamente. Percebendo essa assimetria e imersos nesse processo, os indivíduos passam a investir no controle e na utilização dos elementos supostamente involuntários para conferir mais veracidade ao seu comportamento em uma interação. Eles passariam, intencionalmente ou não, a atuar, montando o palco para uma espécie de jogo, “um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas” (GOFFMAN, 1985, p. 17).

A perspectiva dramatúrgica busca entender a atuação recíproca dos indivíduos nos momentos em que os papéis a que eles se propõem são tensionados ao limite, deixando transparecer seu caráter ambíguo e transitório. Nestes momentos, algumas suposições que baseavam a definição da situação em questão e a interação entre os participantes se tornam insustentáveis, e durante esse instante de indefinição a atuação e a tentativa de representar coerentemente determinados

papéis se tornariam ainda mais evidentes. Trata-se de uma perspectiva heurística, um modo de abordagem que deve ser entendido como um “andaime”:

É preciso abandonar aqui a linguagem e a máscara do teatro. Os andaimes, afinal, só servem para construir outras coisas, e só deveríamos erguê-los com a intenção de demoli-los. Esta exposição não tem como objeto os aspectos do teatro que se insinuam progressivamente na vida cotidiana. Seu objeto próprio não é senão a estrutura dos encontros sociais – essas entidades da vida social que são geradas a cada vez que os indivíduos se vêem na presença imediata dos outros (GOFFMAN apud WINKIN, 1998, p. 102).

Parte essencial da proposta de Goffman envolve o controle individual sobre a circulação de informações, em interação com tecnologias e com o ambiente, de modo a encarnar diferentes papéis em diferentes regiões e situações, como citado anteriormente. Ao abordar as tecnologias de projeção de imagens, que podem tomar como tela tanto corpos humanos quando objetos inanimados, entendemos que um dos pontos inovadores dessa modalidade de expressão e ação política é exatamente sua capacidade de ultrapassar facilmente barreiras que buscam delimitar o espaço de manifestações e intervenções de rua. Nesse sentido, essas tecnologias são capazes de atravessar grades e interagir de modo inovador com diferentes arquiteturas, flexibilizando não só barreiras à percepção, mas também à intervenção, em contextos nos quais o controle dos fluxos de informação visa à manutenção de identidades institucionais e sua autoridade.

Há uma inovação ainda na capacidade das projeções de luz de transitar entre os corpos e se fazer presente sem conferir peso ou densidade ao meio, de modo incorpóreo e intermitente. Se, por um lado, essa plasticidade alcançada pela imagem projetada proporciona a emergência de inúmeras relações de participação e interferência por parte do observador, a projeção, quando fotografada, condensa a interação destes elementos em instantes de situações específicas. Entender a atuação conjunta das tecnologias é um passo importante, uma vez que a história recente dos meios visuais e audiovisuais aponta para uma complexa trama de assimilações e contágios recíprocos entre diferentes formas, o que contradiz as pretensões de atribuir uma essência estável e isolada para aparelhos tecnológicos (FATORELLI, 2013, p. 20).

Uma das fotografias disponibilizadas pelo Coletivo Projeção, feita no Palácio da Guanabara, nos serve como primeiro exemplo. A relação entre a violência policial e a falta de políticas públicas denunciada em diferentes manifestações é intensificada pela projeção na parede do palácio, que combina as figuras do governador e do prefeito do Rio de Janeiro segurando revólveres e sorrindo enquanto fazem o Cristo Redentor de refém atrás das fileiras policiais reais e das grades que protegem a sede do governo durante os protestos.

**Figura 1** – Cristo Redentor refém

*Fonte: Coletivo Projeção. Disponível em: <<http://on.fb.me/1BiGKlr>>.*

126

Não se pode considerar apenas a dimensão simbólica da imagem projetada, como se esta estivesse separada da situação que ela mesma cria: a utilização do projetor faz com que os limites entre o espaço “sacralizado” do palácio e a rua onde a manifestação é permitida se tornem porosos a ponto de possibilitar que o maior agrupamento de pessoas em contato direto com a projeção em questão seja o dos policiais próximos ao palácio, responsáveis pela imposição física do limite entre os dois espaços. A capacidade da arquitetura e da gestão de barreiras físicas para delimitar qual é o espaço para expressão de contestações e quais são os símbolos institucionais protegidos contra a exposição de suas próprias ambiguidades e inconsistências perde boa parte de sua solidez. Ao não dar conta do trânsito da luz, não se pode controlar as imagens expostas, e isso, em parte, desestrutura a ordenação burocrática da circulação de símbolos e suas apropriações expressivas através de projeções de luz.

Nesse sentido, essa apropriação possibilita pensar outras relações entre segregação espacial, segregação informacional e tecnologias da comunicação, apontadas por Meyrowitz (1986) em sua análise, inspirada em Goffman, sobre a difusão de tecnologias da comunicação paralelamente à luta contra a segregação racial e por direitos civis para os negros nos Estados Unidos. Em um contexto extremamente diferente, podemos pensar na relação entre essas segregações não só no tocante à tensão entre integração informacional e segregação espacial, mas também à tensão provocada pela projeção de imagens em ambientes onde o acesso físico é proibido aos manifestantes. A característica incorpórea e a relação de trânsito entre os corpos, de modo a conferir-lhes uma significação diferente, tensionam barreiras que buscam restringir manifestações tanto com relação à proteção de símbolos arquitetônicos quanto em relação ao corpo de autoridades associadas ao Estado.

Outro exemplo interessante ocorre quando, ao tentar impedir a projeção da frase “Nossa polícia não tem educação” no Palácio da Guanabara, um policial utiliza uma estratégia comum contra fotógrafos: busca interromper fisicamente o fluxo de luz colocando um objeto em frente à lente. No entanto, por se tratar de uma projeção, a mesma frase fica estampada no objeto na mão do policial, o que reitera o enunciado da projeção na fotografia que registra o esforço do policial para interrompê-la.

Figura 2 – Tentativa de impedimento da projeção da imagem



Fonte: Coletivo Projetação. Disponível em: <<http://on.fb.me/1BiGPpa>>.

A dinâmica de negociação e definição de papéis fica nitidamente marcada pela presença das tecnologias de projeção entre os interagentes, em uma situação na qual a polícia não só responde à ação dos manifestantes, mas também funciona como suporte para a exposição e a expressão destes primeiros contra a ação que a própria polícia leva a cabo no momento em que reafirma a pertinência das críticas ao exercício das funções de repressão. Para além da interação entre os manifestantes entre si e com a polícia, a interação de ambos com as tecnologias no ambiente não pode ser entendida como meramente instrumental, constituindo a situação em questão, com potencialidades que dificilmente são controladas ou esgotadas completamente na intencionalidade de um destes atores tomado isoladamente.

Esta situação também leva a relação entre texto e imagem para outro âmbito. O texto em questão tem influência palpável não só na construção de uma narrativa para dar sentido à situação, como no caso de uma legenda para fotografia, mas também no posicionamento dos atores envolvidos antes do registro

fotográfico, de modo a marcar as ações e reações destes na situação em que a fotografia ocorre e fazer com que a imagem das autoridades que são hostis a determinadas mensagens, que atuam involuntariamente como tela para a exibição destas, esteja presente nas fotos, independentemente das legendas e apropriações feitas por ativistas, veículos de informação, perfis em redes sociais on-line etc.

Diversas outras ações do coletivo chamam atenção e podem ser vistas nas fotos de sua página no Facebook [2]. No Festival de Cinema do Rio deste ano, sobre o pano de patrocínios com inúmeros logos da Prefeitura do Rio de Janeiro, que servia de fundo para atores entrevistados, projeções como *Amar É/ A Maré/ Amarildo e Cinema pra quem?* ocupavam o lugar mais importante da cena atrás de atores e de frente para uma multidão de fotógrafos e jornalistas. Imagens que associavam o logo da rede Globo a ratos e baratas ganhavam espaço atrás de atores “globais” que, de costas para a projeção, faziam diversas poses para os fotógrafos, sem necessariamente se dar conta da imagem que ajudavam a compor.

Além de convenções sobre o que é uma manifestação, o que entra inevitavelmente em questão nesses casos é o poder dos patrocinadores do evento ou gestores e mandatários de instituições políticas em dispor os elementos simbólicos a serem registrados e fotografados de modo a compor uma narrativa livre de ambiguidades, fechada e estruturada, por questões de estratégia comercial ou imposição de ordem política. Nesse sentido, entendemos que a possibilidade de projetar mensagens desse tipo pode ensejar novas definições de situações e eventos ao relativizar um modo de controle de circulação de informações físicas e a disposição de elementos simbólicos a serem fotografados até então pouco levada em consideração.

A projeção possibilita ainda, como aponta Fatorelli (2013), a utilização de suportes instáveis, como a fumaça, no caso de *Experiência de cinema*, de Rosângela Rennó, ou uma fina membrana de bolha de sabão, no caso de *Netrino*, de Feco Hamburger (FATORELLI, 2013, p. 35). A relação com a fotografia possibilita a exposição em suportes ainda mais efêmeros, como carros em movimento, o que foi levado a cabo por projeções feitas em ônibus e táxis da cidade do Rio, e é um fator importante, tendo em vista a estreita relação entre os problemas de mobilidade urbana, transporte público e as manifestações iniciadas de junho de 2013. A estabilidade da luz projetada permite que a imagem continue nítida mesmo enquanto seus suportes estão em movimento, o que torna a multiplicidade de estados temporais na fotografia algo ainda mais complexo (FATORELLI, 2013). O carro está em movimento na foto estática, mas a mensagem projetada permanece nítida e fixa enquanto passa de um carro para o outro – e estes se revezam como suporte.

Frases como “transporte não é mercadoria, é direito”, ‘máfia lucrando, trocadores surtando” e “há justiça onde é preciso pagar pelo seu direito?”, além de imagens simbolizando “proibido baratas” (uma alusão a Jacob Barata, considerado o maior empresário de ônibus do Rio de Janeiro), foram projetadas em ônibus e táxis que

passavam em frente ao Palácio da Guanabara e ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Todas essas imagens estão disponíveis na página do Coletivo no Facebook.

Ainda no tocante ao suporte, a possibilidade de lidar com tamanhos e proporções extremamente díspares apenas calibrando a projeção amplia consideravelmente as possibilidades de intervenção, nas quais frases projetadas em corpos podem ser ampliadas a ponto de ocupar a lateral de prédios inteiros, a depender da capacidade do projetor.

Por fim, outro ponto interessante é a inovação das possibilidades de interação com apoiadores que não estão nas ruas, como as pessoas que jogam papéis picados das janelas de prédios durante as manifestações ou respondem ao apelo dos manifestantes acendendo a apagando a luz do apartamento, dançando na janela etc. A apropriação de paredes de prédios ou do próprio chão da rua como suporte das projeções faz com que tanto os manifestantes na rua quanto os dos prédios possam se expressar de maneiras inovadoras e em uma escala visível para milhares de pessoas nas ruas, muitas vezes tomando a parede externa de vários andares.

A utilização da copa de árvores para projetar a frase “amanhã vai ser maior”, uma das frases repetidas coletivamente antes dos manifestantes se dispersarem, além de outras como “prender manifestante é mole, quero ver prender político corrupto” nas paredes de prédios, é um exemplo interessante, por guardar relações entre o que é projetado e aquilo que é escolhido como suporte. Mais uma fronteira, a que separava os papéis dos manifestantes e das pessoas nos prédios, se torna difusa, sem desconsiderar o fato de que uma das principais palavras de ordem dirigida aos apoiadores nos prédios ser “vem pra rua”.

Outra iniciativa que exemplifica bem as afirmações feitas até então vem da Caminhada pelo Clima do Rio de Janeiro, braço brasileiro da manifestação People’s Climate March, ocorrida em diferentes cidades e países no dia 21 de setembro – entre elas Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Bogotá, Londres, Berlim, Vancouver e Nova Délhi, visando a Cúpula de Líderes pelo Clima convocada pelo secretário geral da ONU para o dia 23 do mesmo mês. Entre as ações de mídia da Caminhada do Rio de Janeiro, organizadas principalmente pela Avaaz em parceria com a Meu Rio, uma envolve uma série de projeções (tanto com imagens móveis quanto estáticas) feitas em parceria com o coletivo, a qual tomou todo o espaço do Cristo Redentor na noite do dia 18 de setembro – diferentemente das projeções no Palácio da Guanabara, estas foram feitas com autorização, em uma parceria com os responsáveis pelas imagens do monumento. Em uma das projeções, a estátua, visível de diversos pontos da cidade, é transformada em uma gigantesca ampulheta com a frase “o tempo está acabando”. Outros elementos se revezam, como mensagens escritas em diferentes línguas em apoio à campanha, um rosto de índio sobre a face da estátua, borboletas batendo asas sobre mensagens coloridas, uma máscara respiratória

projetada sobre o rosto da estátua enquanto seu corpo era escurecido pela projeção de nuvens de poluição, entre outros

A valorização do Cristo Redentor como atração turística e os diversos locais que se moldam para valorizar uma vista privilegiada do monumento fazem com que a ampulheta ocupe uma posição privilegiada em termos de visibilidade na cidade, não apenas pelas pessoas que viram a projeção diretamente, mas, principalmente, pela circulação de fotos que fazem com que várias projeções diferentes possam continuar surtindo efeito, mesmo com o fim das projeções. Isso fica visível nas fotos de Silvia Izquierdo/AP.

**Figura 3** – “O tempo está acabando”

*Fonte: Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/1tVpidx>>.*



130

Mais do que suporte para as imagens projetadas, tanto o Palácio da Guanabara quanto a estátua do Cristo Redentor são símbolos da cidade que operam sinédoques: o palácio como referência material do poder político do governo do estado e o Cristo como símbolo pelo qual a cidade é conhecida internacionalmente. Ao atuar sobre esses símbolos, as projeções se colocam como ferramenta inovadora, seja na contestação de instituições políticas, seja na apropriação de símbolos da cidade para dar repercussão a debates e causas. A tentativa de transferência de sentido presente na utilização de metáforas nos debates políticos, área de diversos estudos sobre retórica, revela um campo ainda pouco explorado ao entrar em contato com a interferência das projeções sobre um dos elementos envolvidos na sinédoque em questão e nos sentidos que busca difundir. As apropriações dessas tecnologias podem aumentar consideravelmente o repertório de ações da chamada “dramaturgia estratégica”, recorrente em iniciativas de desobediência civil de diversos países (ROBERTS; ASH, 2011).

As projeções, como vimos, possibilitaram inúmeras situações de intervenção criativa e propiciaram a quebra de barreiras à circulação de informação e a ações políticas que questionam os papéis de autoridade de determinados atores sociais, bem como a interação de diferentes atores ou com a luz projetada ou pela circulação de fotografias, o que torna essa modalidade de intervenção no debate político um objeto de pesquisa promissor, interessante e complexo, mas ainda pouco explorado.

## NOTAS

[[1] Uma versão insipiente e com outro título, contendo alguns apontamentos presentes neste trabalho, foi apresentada no DT 6 – Interfaces comunicacionais, no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 1o a 5 de setembro de 2014.

[2] Disponível em: <<https://www.facebook.com/plataformaprojetacao/timeline>>. Acesso em: 5 dez. 2012.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FATORELLI, Antonio. *Fotografia contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias*. Rio de Janeiro: Senac, 2013.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

MAYNARD, Patrick. *The engine of Visualization*. Ithaca: London: Cornell UP, 1997.

MEYROWITZ, Joshua. *No Sense of Place: the Impact of Electronic Media on Social Behavior*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

ROBERTS, Adam; ASH, Timothy G. (Org.) *Civil Resistance & Power Politics: The Experience of Non-violent Action from Gandhi to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2007.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.